Por um novo paradigma: o *sinthoma* e a “Clínica de Linguagem”

João Fernando de Moraes Trois

RESUMO: *The goal of the present work is to build reading resource tools which allow to articulate, from the viewpoint epistemological, linguistic and of psychoanalysis. This thematic emerges from a current problematic research related to an increasing demand, addressed to linguistic, by different clinic practices in which language is implicated. In this regard, it was tried to connect a paradigm of language with a subjectivity theory proper to the clinical reflection as well as to the epistemological reflection. Therefore, this work chose a theoretical study way, viewing the construction of conceptual tools which enable the articulation between the Lacanian psychoanalysis and the language theories of Saussure, Jakobson and Benveniste, using as analysis bodies these same linguistic and psychoanalytical theories. The relation among these theories will serve as a reading support to the established colloquy in the interdisciplinary site about the presence of the language in different clinics, as well as to revitalize the conceptual sites of linguistic and psychoanalysis.*

PALAVRAS-CHAVE: *Epistemologia; Estrutura; Linguagem; Lingüística; Metáfora; Metonímia; Psicanálise; Significante; Sinthoma; Sujeito.*

Este trabalho surge de uma série de interrogações levantadas a partir de uma questão específica sobre o que nos permite articular a lingüística e a clínica. Inclui, portanto, inevitavelmente, perguntar-se sobre o estatuto do termo “interdisciplinar”. Termo que propomos que deva ser compreendido através da noção benvenistiana de intersubjetividade (PLGI.:241-293)¹, pois

João Fernando de Moraes Trois é psicólogo e doutorando em Teorias do Texto e do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Poderíamos propor o termo transdisciplinariedade e transsubjetividade, porém, constatamos ser “interdisciplinaridade” um termo mais recorrente, logo, nos permite partir de uma referência comum.

nos permite indicar tratar-se de relações estabelecidas entre singularidades, contrariamente à idéia de interdisciplinariedade como fragmentação de um campo subdividido em diversas disciplinas. Assim, no lugar da ilusão de uma unidade imaginária relativa a uma suposta realidade “interdisciplinar”, pode surgir a dimensão de heterogeneidade proveniente dos diferentes saberes em jogo nesta relação, elevando-os à condição de alteridade teórica constitutiva deste campo onde se encontram clínica e linguagem.

Desta forma, este campo pode passar a ser definido pela expressão “clínica-de-linguagem”. Expressão que permite demarcar um posicionamento teórico e suas conseqüências práticas, ao articularmos determinadas proposições sobre a linguagem com determinadas proposições sobre a clínica.

Propomos a seguinte articulação. Se a linguagem:

1. é um saber que se articula por um ato de enunciação; e
2. se deste ato de enunciação deduz-se um sujeito;
3. então a linguagem tem propriedades relativas ao sujeito, alçando-se à condição de singularidade.

Assim, se uma clínica:

4. é uma modalidade de saber-fazer-com-a-linguagem, que não pode existir sem um sujeito; e
5. se este sujeito somente pode emergir no campo da linguagem;
6. então uma clínica será sempre uma “clínica-de-linguagem” e implicará sempre um sujeito que seja efeito desta linguagem.

E se uma clínica:

7. implica sempre uma noção de sintoma;
8. então seu saber-fazer-com-a-linguagem deve ser relativo a um saber-fazer-com-o-sintoma.

Assim, a expressão “clínica-de-linguagem”, por compreender uma relação de entrelaçamento da clínica e da linguagem e desta ao sintoma, permite considerar que não se trata de articular saberes para constituir uma unidade interdisciplinar, mas de lidar com as diferentes formas de implicação destes saberes ao produzirem efeitos na linguagem. Destes efeitos procuraremos deduzir de qual sujeito e de qual sintoma se trata.

Esta implicação encontra-se diretamente relacionada ao ato que se colo-

ca na e pela enunciação do clínico ao enunciar o que a linguagem pode dizer a “sua” clínica, assim como o que esta clínica pode dizer à linguagem renovando-a em suas formas de expressividade.

1. A PSICANÁLISE É O SINTHOMA DA LINGÜÍSTICA

Em trabalho anterior² defendemos que a dimensão relacional de implicação existente entre a lingüística e a “clínica-de-linguagem”, compreendida enquanto campo de fenômenos de linguagem do qual a clínica deve dar conta, passa pelo questionamento sobre a própria estrutura da linguagem.

O caminho que sugerimos para fundamentar uma lingüística que seja pertinente à esta “clínica-de-linguagem” passa por uma leitura transcritiva ou metafórica do conceito de língua estabelecido por Saussure³ e levado adiante por Jakobson⁴ e Benveniste⁵. A este conceito de língua enlaçamos o conceito de sujeito elaborado por Lacan⁶.

Este enlace, no léxico psicanalítico, tem os atributos do *Sinthoma*⁷ estrutural para psicanálise, do qual tomaremos o modelo topológico para construirmos nossa metáfora teórica.

De forma geral, podemos dizer que o *Sinthoma* aproxima-se do exercício enunciativo realizado por cada um para encontrar o seu estilo de estar na linguagem. A experiência de análise nos indica que a travessia de um sujeito pelo campo da linguagem exige um trabalho inventivo sobre as formas expressivas que possibilitem lidar criativamente com a “determinação” imposta pela estrutura subjetiva, através da renovação no trato com a linguagem e no “fazer com a língua”.

Dito de outro modo, o *Sinthoma* é uma provocação, um convite à invenção que é renovado a cada ato de linguagem e que reenlaça e reintegra o

² TROIS, J.F.M. *Interrogações sobre uma falta comum: o sintoma na fala*. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Lingüística e o sintoma da/na fala na aquisição desviante da linguagem*, coordenada pelo Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS), no 6º Encontro Nacional Sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1-3 outubro 2003.

³ SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

⁴ JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

⁵ BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

⁶ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁷ *Sinthoma* (grafado com *th*) retoma a antiga grafia francesa de sintoma para expressar a forma de lidar com o desejo inconsciente, diferenciando-se da concepção de um sinal de doença. *O seminário - livro 23: O sintoma*. Versão apócrifa da Escola Freudiana de Buenos Aires, s/d.

sujeito e a linguagem, revitalizando a ambos no exercício constante de (re)criação e de abertura da linguagem.

Assim, podemos dizer que o *Sinthoma* é uma forma de contornar aquilo que faz limite na língua, através da criação de novas formas que ampliam as modalidades de expressividade e as condições de enunciação do sujeito na língua.

Neste sentido, nos serviremos da construção de uma metáfora teórica (a partir de um modelo topológico) para pensarmos o *Sinthoma* como uma nova forma de lidar com a língua e de estar na linguagem assim como uma forma de presença do sujeito em seu fazer-com-a-língua. O que nos autoriza enunciar uma provocação: seria, então, a psicanálise o *Sinthoma* da lingüística?

2. POR UMA METÁFORA TEÓRICA

Escolhemos a figura da metáfora por ser ela mesma uma construção de linguagem que propicia outras construções de linguagem – por ser geradora de “equivoco” não cola a palavra a seu significado deixando-a aberta a novas significações. Por isso, a metáfora torna-se uma forma de construção criativa que nos permite abordar as teorias de diferentes autores por meio de aproximações sucessivas⁸ – não as tomando como formas definitivas, mas numa seqüência de abordagens que as tornem mais próximas, reconhecendo relações possíveis entre elas e as constituindo numa combinatória.

Operacionalmente, nossa metáfora teórica se constituirá a partir de um ponto: a psicanálise lacaniana. É, então, deste “lugar”, que irá se articular a sua série metonímica, composta de três teorias da linguagem (que lhe são fundamentais): Saussure, Jakobson e Benveniste.

Como nos ensina Jakobson (1995), não há metáfora sem metonímia. Assim, nossa metáfora se constrói em seu duplo movimento metafórico e metonímico. De um lado, o procedimento metafórico nos autoriza representar estas teorias lingüísticas em sua ausência – em outro campo. Em nosso caso, o da psicanálise. Passando, assim, a atuar como presença simbólica fundamental nesse campo. Partilhando da seleção de um mesmo paradigma – estrutural, como veremos mais adiante.⁹ De outro lado, nos estas três teorias lingüísticas se encadeiam por transferência metonímica. Em cada uma delas opera-se uma virada na significação de seu conjunto pró-

prio, em que tomamos a parte (alguns conceitos, mas não quaisquer) pelo todo (de seu sistema específico), designando assim um deslocamento.

É como não-toda que cada uma (cada teoria lingüística) se faz representar em seu encadeamento. Esta função da ausência no interior da cadeia (seqüência) nos permite a transferência de determinados *significantes*¹⁰ de uma teoria à outra.

Os critérios de escolha das teorias – representadas, aqui, pelos nomes próprios de Saussure, de Jakobson e de Benveniste – se expressam em três princípios mais um, referenciado por outro nome próprio, externo-inter-no ao campo da lingüística: Jacques Lacan.

Primeiro critério: as três teorias são, cada uma a seu modo, estruturalistas. Isso significa que a estrutura é seu conceito operador, isto é, aquele que permite pensar as proposições que estão na base de cada uma delas (seus axiomas);

Segundo critério: as três teorias estabelecem proposições sobre o objeto língua. Trata-se, então, de perguntar quais são os axiomas sobre a língua que cada teoria teve que construir para dar conta da estrutura. Desses dois critérios deriva um terceiro;

Terceiro critério: as três teorias constituem-se em três “sistemas de linguagem” que não dissolvem o “objeto língua” para se constituírem em sua especificidade¹¹ (diluindo-a em objetos de outros domínios teóricos, exteriores ao campo da linguagem – ou da lingüística – propriamente dito, tais como, por exemplo, a biologia, a psicologia, a sociologia).

Assim, podemos nomeá-los pelos três nomes próprios que os representam:

- I. Sistema de Linguagem elaborado por Saussure
- II. Sistema de Linguagem tratado por Jakobson
- III. Sistema de Linguagem concebido por Benveniste

Falta falar ainda do quarto critério, o mais um, qual seja: a psicanálise lacaniana.

Quarto critério: as três teorias¹² interessam de perto ao sistema de lin-

¹⁰ Tal como o define Lacan (o jogo dos significantes determina efeitos de significação). Este conceito, de significante, encontra-se abordado, em sua especificidade, em Trois 2004.

¹¹ Confirmam o trabalho de Marlene Teixeira sobre a construção do objeto língua. In: Letras de Hoje, n° 116, p.31-64, junho de 1999. Porto Alegre, PUC-PGLetras.

¹² Excluímos Hjelmslev e sua glossemática, por motivos que são descritos em TROIIS, J. Por um “Nó” Epistemológico da Lingüística e da Psicanálise: Um Estudo sobre Saussure, Jakobson, Benveniste e Lacan. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGLetras – Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Teorias do Texto e do Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

⁸ Confirmam “o que a Tartaruga disse a Aquiles” de Lewis Carroll. Editora Summus, 1980.

⁹ De certa forma esta própria “ausência” é do que trata a psicanálise.

guagem da psicanálise lacaniana. Seu nome próprio: Jacques Lacan.
Inicia-se aqui o procedimento de construção de nossa metáfora teórica.

3. A LÍNGUA É UMA LINHA QUE SE ESTENDE EM BUSCA DE UM SUJEITO

Nossos três sistemas de linguagem têm em comum o fato de partirem do conceito de língua e, de certa forma, permanecerem nele, para tecerem suas conceitualizações sobre a linguagem, destacando-se o fato de este conceito de língua não ser um conceito qualquer. Sendo saussuriano, o conceito de língua, em seu fundamento, implica o conceito de signo, pedra de toque da lingüística estrutural, segundo Flores (1999, p.104). Esse fundamento, embora reformulado, será mantido em seu caráter paradigmático tanto por Jakobson quanto por Benveniste.

Assim, podemos dizer que, entre nossos autores de referência, a língua é tomada como um contínuo, ou seja, como algo que se repete. Em outros termos, a língua como objeto comum a cada um destes sistemas de linguagem seria, assim, representada como uma linha¹³ estendida no espaço entre dois pontos – um ponto de partida e um de chegada (situado como seu horizonte possível).

Graficamente tem-se:

Fig.1

Imaginemos que esta linha – este contínuo – vá aos poucos se tensionando através da diferença interna produzida por diferentes pontos de vista lançados sobre ela – esta “língua-linha” – na tomada que lhe dá cada um de nossos autores de referência. E que a partir desta tensão vá se criando em seu interior – desta “língua-linha” – um espaço de diferença, de vazio, que representaria em outro sistema o não realizado, formando assim, o que poderíamos chamar de um “resto” que sobra da tentativa realizada pela operação de configuração específica a cada campo. Certamente, teríamos o “vazio” inaugural desta série em Saussure – sua diferença sendo aquela que funda a lingüística estrutural como ciência ao recortar nela seu objeto língua. Esta “diferença-Saussure” se constitui no *a posteriori* das lei-

¹³ Esta “linha” refere-se à idéia de um contínuo; não se trata da linearidade da cadeia da fala (referida por Saussure no *Curso*); aproxima-se da noção de “reta” da geometria projetiva, que se fecha em um ponto no infinito.

turas realizadas por Jakobson e por Benveniste, que situam os *significantes* saussuriano como fundantes do paradigma estrutural da lingüística.

Saussure seria assim uma espécie de ponto zero (um absoluto fundante), que não contém nem a teoria de Jakobson nem a de Benveniste, assim como, por exemplo, o zero não pode conter o um (Um sistema teórico de Jakobson; Um sistema teórico de Benveniste). Saussure estaria, assim, funcionando como uma alteridade teórica radical que permite a Jakobson e a Benveniste fundarem suas próprias teorias. Cada um deles, ao tomar a palavra em relação a Saussure e ao fundar cada qual a sua teoria – o “um” singular de cada teoria – passa a nomear “o seu Saussure”, e o constitui como seu outro, como seu interlocutor privilegiado. Dessa forma, podem contar-se a partir de Saussure, constituindo-se cada qual como Um ao constituir “seu” Saussure como um outro. E, ao situar sua própria teoria através do grau de pertença que estabelece em relação à teoria de Saussure, pode integrar-se nela, assim como o dois pode conter o um. Em uma palavra: Saussure torna-se a condição de enunciação das teorias de Jakobson e de Benveniste.

Figurativamente teríamos uma língua composta de três diferenças internas. Essas diferenças, produzidas pela negação (um é o que o outro não é no interior do sistema), vão produzindo um tensionamento no sistema – até atingirem seu ápice com a questão posta sobre a presença de uma teorização do sujeito na língua. Expressaremos metaforicamente este tensionamento evocando a imagem de uma bolha¹⁴ prestes a explodir.

Bolha 1: Produzida pelo tensionamento teórico de Saussure

Bolha 2: Produzida pelo tensionamento teórico de Jakobson

Bolha 3: Produzida pelo tensionamento teórico de Benveniste

Figurativamente:

Fig.2

¹⁴ Servimos-nos da imagem da bolha, a partir da leitura do trabalho de Alduísio Moreira de Souza *Sobre a interpretação e a finitude da análise*, In.: *Revista Che vuoi? psicanálise e cultura* n° 3/4 – 1987. Esta imagem foi cunhada, inicialmente, por Lacan no seminário *A lógica do Fantasma*.

Esse esquema irá constituir o conceito de língua que nos interessa. Tomado em sua totalidade, ele representará esta “língua”, cujo sistema minimalista de signos está representado por nossos autores de referência – cada um “vale” por sua diferença no interior do sistema. Gesto de transposição metafórica da questão colocada por Saussure, segundo a qual os valores emanam do sistema. Como nos diz Saussure, no CLG (1989): Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea dos outros, segundo o esquema:

Fig. 3

Em nosso modelo os conceitos tornam-se, eles próprios, puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por sua relação com os outros termos que emanam do sistema (Saussure, 1989, p.136). Assim, por exemplo, o significado de língua exigirá o seu significante saussuriano, o seu significante jakobsoniano e o seu significante benvenistiano. Mas como estes “signos” estão ligados uns aos outros, entre si, por pontos de contato e não de identidade, a significação deste conceito de língua será produzida pelo jogo diferencial entre os significantes de cada sistema particular dentro do sistema geral.

Resumidamente, podemos definir estas configurações como sendo as posições de base de cada sistema. Teremos então:

- I. A Língua é um Sistema de Signos – em Saussure.
- II. A Língua é um Sistema de Sistemas (Hierárquico de Signos) – em Jakobson.
- III. A Língua é um Sistema de Enunciação – em Benveniste.

Se tomarmos esses três sistemas de língua em suas diferenças, podemos tratá-los como três conjuntos, cada um contendo sua consistência teórica própria.

O que eles têm em comum? Um traço que faz série: a língua como lugar de fundamento para todos. E o fato de, ao abordar a língua, apresentarem a mesma falta – ou uma falta comum: a ausência de um conceito, de uma teorização sobre o sujeito.

Assim, definimos também o método de análise utilizado. Trata-se de um procedimento comparativo, ou seja, da operação pela qual se reúnem

dois ou mais objetos (...) para lhes isolar as semelhanças ou as diferenças (cf. Lalande, 1996).

Como dito anteriormente, há um eixo comum que define estas abordagens da linguagem, que pode ser denominado de lingüística estrutural. Tal eixo comum é condição (necessária e suficiente) do procedimento comparativo.

Retomando, sinteticamente: ao relacionarmos esses lingüistas, propomos uma figuração, uma espécie de correspondente topológico para enunciar nossa metáfora teórica.¹⁵

A língua é uma linha (um contínuo) que tem como horizonte (teórico) de suas interrogações um sujeito. Dito de outra forma, uma língua que “busca” um sujeito. Mas na busca de estabelecer sua própria consistência, cada sistema constitui sua falha – a seu modo. E, ao falhar, estabelece um corte no contínuo língua, produzindo a unidade de seu campo conceitual, sustentada pela falha (fundamental) e através da qual busca contornar o Real (impossível) que se lhe apresenta (em seus sistemas). Impossível que haja “sujeito” no sistema da língua em Saussure; impossível que em Jakobson é tratado como uma impossibilidade de que haja “sujeito” fora do par locutor-ouvinte, ou seja, que não comunique; impossível em Benveniste que haja “sujeito” fora do sentido – sua lingüística da enunciação centra-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas (Flores, 2001, p. 59).¹⁶

Nessa busca, nossas bolhas explodem, e cada sistema se separa na tentativa de recuperar o que ficou de fora, descompletando o sistema. Processo que pode ser representado da seguinte forma:

1ª variação¹⁷: as Bolhas explodem.

¹⁵ O objetivo de nosso trabalho não é a utilização propriamente dita da topologia, enquanto fundamento epistemológico da noção de estrutura. Convocamos estas “figuras” na função de esquemas com valor explicativo, ou mesmo didático, como utilização de construtos que possam figurar os momentos constitutivos de nossa metáfora teórica. Mesmo assim, cabe lembrar a indicação de Lacan sobre a figura topológica central de seu ensino, de que o “nó borromeano” *ele deve ser usado bestamente*, ou seja, sem que se dê muita importância a seu estatuto epistemológico (Cf. Granon-Lafont, 1990).

¹⁶ Em Benveniste, a Língua, enquanto pura virtualidade, transforma-se em discurso quando um “sujeito” dela se apropria através de um ato individual de utilização (Benveniste, 1989) a partir do qual a língua se semantiza.

¹⁷ Usamos a expressão “variação” buscando evocar a forma musical em que a melodia obedece o princípio de “mudar, em cada repetição, um ou alguns de seus elementos constitutivos (ritmo, compasso, etc.)” para permitir ao ouvinte reconhecer o tema original. Cf. Aurélio (1986, p.1754), ou seja, a estrutura permanece.

Fig.4

2ª variação: os três sistemas teóricos, ao explodirem, se desencaixam, em relação à forma de refratar o sujeito, produzindo um vazio entre eles:

Sistema de Saussure Sistema de Jakobson Sistema de Benveniste

3ª variação: ao constituírem-se separadamente formam três consistências, que apresentam uma falta comum: nenhuma consegue introduzir o sujeito na língua. Cada linha retorna a seu ponto de partida, tornando-se um círculo.

Fig.5

O ponto de chegada de cada sistema se fecha ao tocar refratariamente o sujeito – como o escaravelho se fecha ao nosso toque – e sobrepõe-se a seu ponto de partida, consistindo, dessa forma, o Um de seu conjunto ao deixar fora o sujeito, no espaço da exterioridade teórica. Fecham-se os campos teóricos buscando sua coerência interna.

4. A LÍNGUA É UMA LINHA IMAGINÁRIA QUE AO DOBRA-SE SE ENLAÇA E SE ANOLA

Como dissemos, cada sistema, a seu modo, deixa fora o sujeito. Assim, em Saussure o sujeito está foracluído¹⁸ pelo gesto da ciência – só há lugar

¹⁸ O termo foraclusão foi utilizado por Lacan para designar um mecanismo específico da psicose: *rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito* (Roudinesco e Plon, 1998, p.245). No discurso jurídico o adjetivo foraclusivo significa a exclusão do uso de um direito não exercido no momento oportuno. Na lingüística foi definido

para a língua, que produz as relações de sentido através de um jogo interno de pura diferença.

Em Jakobson, desenha-se a figura de um ser falante que encontra em seu interlocutor a miragem de sua própria completude, cuja garantia é sustentada pelo ideal de comunicação. A dimensão de eficácia desse mito é mantida pelos rituais de exorcismo de toda a possibilidade da presença de qualquer ruído que possa vir a colocar em perigo a pureza deste universo comunicacional. Talvez seu horizonte fantasmático vise à transparência do sentido elevada à condição da telepatia.

Em Benveniste, a língua, enquanto pura virtualidade, se transforma em discurso quando um “sujeito” dela se apropria através de um ato individual de utilização (Benveniste, 1989) a partir do qual a língua se semantiza. Seria possível, então, encontrarmos uma teorização do sujeito em Benveniste, pensada na relação que o locutor estabelece com a língua e relacionada a uma teoria do sentido. Mas esta teoria não está realizada pelo autor. Encontramos nela, a indicação de um sujeito como lugar de enunciação na própria língua, interno e externo a esta, mas em nenhum momento encontramos a formulação do conceito de “sujeito da enunciação”.¹⁹ De forma geral, seu sujeito limita-se aquele “sujeito” que enuncia em uma dada língua e numa dada situação de discurso.

Concordamos com Flores (2001) quando diz que,

A lingüística da enunciação toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-se ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço. *A lingüística da enunciação deve centrar-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas* (Flores, 2001, p. 59).²⁰

Altera-se, assim, nosso esquema anterior. Nossos autores de referência deixam de ocupar a mesma posição na seqüência diacrônica. Sendo a “falta de sujeito” tratada diferentemente por cada um deles, cada conjunto deve passar a ser representado em sua verticalidade, assumindo a posição sincrônica de seu próprio sistema. A forma como cada sistema está estruturado tem seu correlato topológico na figura lacaniana do nó

por Pichon, em 1928, *para expressar a idéia de que o segundo membro da negação em francês aplicava-se a fatos que o locutor já não encarava como fazendo parte da realidade* (Roudinesco e Plon, 1998, p.245). Em nosso caso podemos dizer, simplesmente, que um sujeito não pode ser atribuído à estrutura, estando dela foracluído. Ele não está presente pela ausência, como na negação ou mesmo na denegação. Ele está excluído da estrutura.

¹⁹ Confira C. Normand, 1988. Os termos da enunciação em Benveniste.

²⁰ Estas definições nos bastarão, como indicação geral do posicionamento de nossos três autores.

borromeu, isto é, três dimensões – Real, Simbólico e Imaginário – representadas por três círculos anolados. Assim, em cada sistema teremos três dimensões, das quais ressaltaremos sua respectiva predominante.

- I. Real: O sujeito está fora(cluído) Pelo gesto da ciência
- II. Imaginário: O sujeito está imaginarizado como completude, idealizado num universo simétrico de comunicação com seu interlocutor.
- III. Simbólico: O Sujeito está indicado, tangenciado, como lugar de enunciação na língua, mas não propriamente teorizado. Podemos dizer que está representado por sua ausência.

Como vemos na figura abaixo:

Fig.6

Lê-se:

- I. Consistência do campo Saussureano (Saussure do *Curso*²¹) – sua consistência se constitui pelo procedimento de exclusão do sujeito de seu campo. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Real”,²² destacando o

²¹ É Saussure do *Curso* porque exclui o dos Anagramas e o do Indo-europeu.

²² Lacan utilizou amplamente a figura topológica do nó borromeu de três anéis, atribuindo a cada anel uma dimensão, que nomeou de Real, Simbólico e Imaginário. Esta relação a três define a estrutura do sujeito falante. Segundo Souza (2003) o nó “respeita integralmente a preocupação lacaniana do caráter adjetivos nominais das dimensões do Real, Simbólico e

predomínio, no sistema saussureano, da dimensão do Real sobre as demais dimensões do Imaginário e do Simbólico.

II. Consistência do campo Jakobsoniano (Jakobson da *Comunicação*²³) – sua consistência se constitui pelo procedimento de simetrização imaginária entre locutor e ouvinte. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Imaginário”, destacando o predomínio, no sistema jakobsoniano, da dimensão do Imaginário, sobre as demais dimensões do Real e do Simbólico.

III. Consistência do campo Benvenistiano (Benveniste do *Aparelho formal da enunciação*²⁴) – sua consistência se constitui pelo procedimento de constituição de um *aparelho formal da enunciação* na língua, que indica um lugar (simbólico) para o sujeito enunciar na língua. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Simbólico”, destacando o predomínio, no sistema benvenistiano, da dimensão do Simbólico, sobre as demais dimensões do Real e do Imaginário.

Em resumo, se por um lado, as duas primeiras variações representam, respectivamente, um desencaixe em relação à forma de abordagem do sujeito (1ª variação) e um retorno na forma de constituição dos três campos (2ª variação), por outro lado, podemos pensar em uma terceira variação, qual seja, aquela que relaciona as duas anteriores – o procedimento é modificado: não se trata mais de encaixar e desencaixar os sistemas, mas de sobrepor-los.

Assim, a terceira variação é aquela que nos permite sobrepor as três consistências presentes na figura anterior.

Essas três maneiras de recortar a língua para constituir seu conjunto teórico próprio não podem ainda ser anoladas – pois se apresentam fechadas em suas próprias consistências teóricas – mas apenas sobrepostas, denotando espaços de similaridade ou de co-pertencimento do lugar dado por cada uma ao conceito de língua.

Assim, temos a relação de sobreposição tal como apresentamos na figura anterior:

Imaginário (...) Se não os consideramos como dimensões adjetivas as fazemos substantivas, de forma que haveria então um real, um simbólico e um imaginário” (Souza 2003, p. 26 - 27) quando se tratam de três nomes para um mesmo ser (sujeito). Encontramos uma excelente comparação deste sujeito trinitário lacaniano com o mistério da Santíssima Trindade em Dufour (2000).

²³ É Jakobson da *Comunicação* porque exclui o da fonologia, o da antropologia, o das afasias, etc.

²⁴ É Benveniste do *Aparelho formal da enunciação* porque exclui o do Indo-europeu, o da sintaxe, o da lingüística geral, etc.

Fig.7

Trata-se, agora, de tentar ultrapassar estas supostas interseções, para, então, passarmos a re-criar novas relações (de estrutura) entre os termos. Um novo procedimento.

Eis porque é necessária uma variação a mais.

4ª variação: a consistência de amarragem das anteriores.

Para colocar em relação cada um dos três conjuntos, seria necessário abrir um furo em cada uma de suas três consistências, produzindo nelas um buraco que indique o lugar da falta – a exclusão interna do conceito de sujeito. Por esses furos passaria nossa 4ª consistência, e assim poderíamos teorizar o conceito faltante: o sujeito.

Esta teorização sobre o conceito de sujeito, iremos encontrá-la na psicanálise lacaniana. Neste caso, propomos tomar o campo da psicanálise lacaniana como nossa quarta consistência, que tem a função de amarramento das anteriores.

Fig.8

Este 4º campo teórico (da psicanálise) transfere para os outros três, por extensão ou contágio, as características de sua própria consistência. Fazendo com que os conjuntos anteriores, apenas sobrepostos, passem a estabelecer uma relação entre eles, sem perderem cada qual sua consistência própria.

Através do procedimento de anolamento, estabelecido pelo campo da psicanálise, atribui-se à relação sua propriedade borromeana. Ou seja, “uma cadeia borromeana é uma cadeia tal que, se cortarmos qualquer um dos seus anéis, todos se desligam” (Granon-Lafont, 1990, p. 127).

Chegamos, assim, ao conceito de língua que passa a ser um objeto definido pela ausência. É, portanto, no *a posteriori*, que se constitui nosso campo de análise, conforme indica o esquema abaixo:

Teoria de Saussure (T. Jakobson (T. Benveniste (T. Saussure – T. Lacan)))

A leitura que propomos deste esquema é a de considerar que, a partir de Lacan, uma nova cadeia simbólica se estabelece. O funcionamento por retroação introduz o conceito de sujeito, que estava excluído internamente, quando, então, torna-se possível uma relação estruturada, tal como a do par ordenado da teoria dos conjuntos. Estabelecendo, assim, a forma específica de relação entre os conjuntos, como nos indica Marc Darmont (1994):

Sendo dados dois conjuntos a e b , o conjunto $\{ \{a\}, \{a,b\} \}$ é um par ordenado. Nesta recordação elementar da teoria dos conjuntos, vemos que o par ordenado relaciona um dos conjuntos a não com o outro conjunto b , mas com a relação entre o primeiro e o segundo, sendo esta própria relação um conjunto (cf. Darmont, 1994).

Assim como em nosso esquema: $a (a (a (a , b))))$

Trata-se, aqui, da própria relação de diferença, enquanto conjunto, que é tomada como um significante.

Dessa forma, nosso esforço analítico será o de produzir a passagem, entre os sistemas da língua, do sujeito, primeiro tomado como impossível de estar na língua, depois como unívoco, enquanto um lugar definido *a priori* na língua e finalmente como equívoco, produto de um trabalho de reelaborações na busca de novos significantes que revitalizem o uso da língua.

Assim, produzimos nossa montagem através dos sucessivos re-encaixes da língua em busca de um sujeito. Vamos “gestando” nossa metáfora para que seja expressiva da condição de um sujeito na língua. Metáfora dos lugares de produção das metamorfoses no “corpo” da língua, que indicam a “gestação” de um sujeito. A “falta” os articula.

Retomemos o fio de nosso trabalho para enlaçar-lhe um fim.

Ao falarmos de uma falta comum aos nossos três sistemas de linguagem, situamos um conceito de sujeito a partir de sua posição de

exterioridade lingüística. Ao convocamos a psicanálise lacaniana para dizer desse conceito, mostramos que a lingüística torna-se afetada pela psicanálise e, por extensão, a falta “comum” que referimos anteriormente passa ao estatuto de uma falta fundante. Dito de outra forma, uma falta que articula nossos três sistemas a seu “mais um” (a psicanálise), transformando-se em algo que, ao não se inscrever (o sujeito) circunscreve um lugar de articulação, uma “casa vazia” que se preenche por uma interrogação sobre a presença de um sujeito na estrutura da língua. Uma falta que funda, num mesmo ato, a estrutura e o sujeito “nesta e a partir desta” estrutura. Trata-se, portanto, de uma dupla falta, ou de uma falta que remete a dois valores diferentes de um mesmo conceito.

Digamos que, em função de algo faltar na estrutura, é possível que, deste lugar faltante, surja um sujeito, assim como é porque algo falta ao sujeito que uma estrutura pode se apresentar a ele.

Isto que falta ao sujeito pode ser pensado através do processo de análise, apresentado, resumidamente, pelos seguintes tópicos: 1. um a priori – para a psicanálise a existência é jogada nos significantes; 2. um momento inicial – onde aquele que procura uma análise sofre por faltar-lhe as condições para enunciar seu sintoma. 3. uma travessia do sujeito na língua, onde o que lhe era impossível de dizer (Real) passa a ser lido por ele como uma interrogação que se apresenta através da linguagem e que definirá o seu sintoma; 4. uma conclusão – o sintoma se torna um Sinthoma, ou seja, aquilo que fala na estrutura.

Ao reestabelecer sua alteridade com a própria estrutura da linguagem o sujeito tem condições de criar suas respostas a este vazio de significação que lhe angustiava. Assim, sua capacidade de lidar com a linguagem se renova, produzindo um novo fazer-com-a-língua, fazer-com-a-linguagem, fazer-com-o-sinthoma. Um fazer onde o sujeito encontra sua forma (seu estilo) de responder as interrogações que lhe advém de sua estrutura suportando-as pelo exercício da fala.

Para finalizar, esperamos ter deixado uma pequena contribuição para reflexão daqueles que se interessam em pensar este campo de relações interdisciplinares ou àquelas a quem estas questões, de alguma forma, se endereçam.

Um trabalho é sempre o trabalho de um efeito de uma travessia pelas questões que nos interrogam. Encontramos, implicado nessa travessia, um sujeito – ao mesmo tempo interior e exterior ao conjunto de interrogações que compõem as condições de enunciação de suas questões – no esforço de tecer pela escrita os pontos onde seus fios fazem “nó”.

Esses “nós” o amarram ao texto permitindo que uma leitura se realize e convocando um leitor em seu possível enlace de leitura. Uma escrita pode

aceder assim, a condição de laço social que transita pela linguagem – passagem de um singular “nó” ao plural “nós”.

Seu ponto de partida encontra seu ponto de chegada. Assim como a linguagem que ao se torcer e retorcer, se enlaça. Uma travessia se define. Geração da metáfora. Criação do sujeito.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas (SP): Pontes, 1988.
- _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas (SP): Pontes, 1989.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico, 1994.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 4. dez. / 2001. p. 7 – 67.
- GRANON-LAFONT, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *Seis lições sobre o som e o sentido*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- _____. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *A terceira*. In.: Che vuoi? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano um, n.º zero, out. / 1986. p. 16 – 42.
- _____. *O seminário - livro 23: O sintoma*. Inédito.
- LALANDE, Andre. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Mareis Fontes, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introdução à obra de Marcel Mauss*. In.: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- NORMAND, Claudine. Os Termos da Enunciação em Benveniste. In.: *O Falar da Linguagem*. (org.) Oliveira, S.; Parlato, E.; Rabello, A.. São Paulo. Série Linguagem, 1996.

- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- SOUZA, Alduísio Moreira. *Sobre a interpretação e a finitude da análise*. In.: *Che vuoi? psicanálise e cultura*. Porto Alegre, ano dois, nº. 3 e 4, inverno / 1987. p. 49 – 65.
- _____. *Precisões clínicas em psicanálise*. Mimeo, 2004.
- TEIXEIRA, Marlene. *O objeto língua: unidade constituída pela ausência*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 34, n. 2. jun. / 1999. p. 31 – 64.
- TROIS, João Fernando de Moraes. *Interrogações sobre uma falta comum: o sintoma na fala*. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Lingüística e o sintoma da/na fala na aquisição desviante da linguagem*, coordenada por Valdir do Nascimento Flores (UFRGS), no 6º Encontro Nacional Sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1-3 outubro 2003.